

AS RELAÇÕES ENTRE *EROS* E *LOGOS* NA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

Breno Augusto de Assis Siciliano ¹

Vagner Sassi ²

RESUMO

A época na qual vivemos passa por uma crise estrutural. Não que o homem tenha deixado de sentir, mas em consequência da hegemonia da razão, ele se distanciou da realidade. A exclusividade da razão, em detrimento do sentimento e do desejo, deu origem a pessoas vazias, solitárias e ansiosas. Por isso, a fim de se encontrar alternativas e soluções para essa crise generalizada, é fundamental compreender como se deu a hegemonia do *Logos* na civilização ocidental. Assim como a racionalidade do *Logos*, também o *Eros*, compreendido enquanto sentimento e desejo, pertence e nasce com todos os indivíduos. Mas como se relacionam esses dois princípios? Se temos um *Eros* totalmente submisso ao *Logos*, existirá uma razão que domina a vontade e o desejo, impossibilitando qualquer relação verdadeira com o outro. Mas também o *Eros* não pode dominar a razão, fazendo com que a pessoa se entregue totalmente às suas vontades. Como alternativa, encontra-se na figura de Francisco de Assis a harmonia entre esses dois aspectos, no sentido de um *Eros* que convive com o *Logos*.

Palavras-chave: *Eros* (Ἔρως). *Logos* (Λόγος). Harmonia.

¹ Discente do 6º período do curso de Bacharelado em Filosofia pela FAE Centro Universitário.
E-mail: breno99siciliano@gmail.com

² Orientador da Pesquisa. Mestre e doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente é professor da FAE Centro Universitário.
E-mail: vagner.sassi@bomjesus.br

1 EROS TAL COMO COMPREENDIDO PELOS GREGOS E SUA ASSOCIAÇÃO COM O PÁTHOS

Na filosofia grega, temos Platão como grande referência para o Ocidente: um dos cruciais pensadores a fundamentar o gênero de conhecimento que hoje compreendemos por filosofia, em grego φιλοσοφία³. Discute-se a possibilidade de um pensamento exclusivo de Platão, pois o mesmo não se coloca como personagem de seus diálogos, mas sempre se utiliza de personagens, poetas e pensadores da época, que, por meio de diálogos, abordam assuntos que lhe interessam. Por isso, não há como se afirmar que todos os pensamentos que lhe são atribuídos são exatamente platônicos, pois não há a presença do sujeito que faz a enunciação do diálogo.

Sócrates, que fora mestre de Platão, ensinou-lhe muito no decorrer dos anos. Considerado pela comunidade da época como um filósofo que influenciou a juventude, foi condenado por ter pensamentos diferentes dos habituais do seu tempo, a saber: “indagar todo o ser pensante para que este saísse da caverna e, sob o impacto da reflexão, encontrasse a virtude e o real” (SILVA, 2018, p. 10). Os poderosos daquele tempo tiveram ressentimento de Sócrates porque, por meio de seus ensinamentos em praças públicas, teve grande influência em decisões de membros da cidade de Atenas.

Na obra *O Banquete* (2017), Platão dispõe de personagens representantes da intelectualidade da Atenas de seu tempo para um debate em torno da temática do *Eros*. Ele apresenta divindades e mitos para contribuir com tal assunto, mostrando assim as diversas compreensões e abarcando novas visões do conceito em questão. Nesta obra, o *Eros* tem traduções literais como: amor, paixão e desejo ardente. A obra também trata de defender Sócrates, bem como do modo como é concebida a vida filosófica da época na *pólis* grega. “*Eros* como desejo do que é Belo e Bom, estabelece-se a concepção do amor como força vital que eleva a alma a planos de excelência cada vez mais altos, encontrando sua máxima expressão na filosofia” (SILVA, 2018, p. 13).

Neste viés, *Eros* é quem concede ao ser humano a capacidade de se dedicar além do comum para alcançar o objeto desejado. Esse pensamento tem como ideia principal aquilo que é próprio de Platão, o amor pela sabedoria ou, como os gregos antigos conheciam, φιλοσοφία.

Um questionar filosófico propicia novas visões e diferentes pontos de vista, abrindo assim a mente e levando o pesquisador a um desejo de adquirir mais

³ Filosofia (φιλοσοφία) *philia* (φιλία), amizade/amor; e *sophia* (σοφία) sabedoria/saber. “Atribui-se a Pitágoras a distinção entre a *sophia*, o saber, e a *philosophia*, que seria a “amizade ao saber”, a busca do saber” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 77).

conhecimento. A riqueza do aprendizado proporciona a *ataraxia* (Ἀταραξία)⁴, que por sua vez traz consigo a ânsia pelo saber. Isto era o que Sócrates ensinava, ainda que os sofistas da época não estivessem de acordo.

Amar não é uma questão simples. Para Platão, o pensar no amor *Eros* é um bem para si, como bem enunciado por Mandai (2018, p. 8): “Essa convergência teórica endossa a compreensão de que o amor participa dos mecanismos anímicos, como parte essencial de manifestação e manutenção da vida e da saúde”. Desta forma, pode-se conceber saúde e *ataraxia* como consequências do amor. E mais, surge nisso uma dimensão erótica toda própria do ser humano.

Além disso, realizaremos algumas considerações sobre a relação existente entre éros, lógos e filosofia no Banquete, através das quais verificaremos que esfera discursiva e esfera desiderativa caminham juntas, além de verificarmos que a própria atividade filosófica é fundamentalmente erótica. (FREITAS, 2017, p. 10-11)

O que quer dizer este erótico fundamentalmente filosófico? Vem do grego *erōtikós*, traduzido para o latim *erotīcus* que significa: amor, paixão ou desejo intenso. E o próprio erotismo citado por Freitas reforça aquilo que Platão disse em seu livro O Banquete (2017): *Eros* nada mais é que o desejo por aquilo que ainda não se possui.

Segundo Fedro (PLATÃO, 2017, p. 33), “o Amor é o mais antigo dos deuses e também o mais honrado e poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade pelos homens, tanto em vida como na morte”. A maior virtude do amor é tornar virtuoso aquele que ama, aquele que sente, pelo fato de que, apaixonado por alguém, busca de todo modo fazer com que o amado lhe perceba. Para confirmar isso, ele prossegue: “[...] como resume Homero ao dizer que o deus inspira força em alguns heróis, eis o que o Amor infunde nos amantes como algo que brota de si mesmo” (PLATÃO, 2017, 179b, p. 31). Quando envolvido com esse sentimento, ocorre um esforço para dar o melhor de si, algo que estava dentro como um dom, porém estava oculto, e faz de tudo para chamar atenção, indo além dos próprios limites, buscando fazer da melhor forma para ser honrado.

Surge, ao final do diálogo, então, a figura de Diotima, argumentando que: “o amor não é nem o amor da metade que falta, nem do todo, a não ser que seu objeto seja bom, o que só ocorre em certas circunstâncias” (PLATÃO, 2017, p. 72). Este comentário surge, no debate, como uma nova visão sobre o tema *Eros*:

⁴ “Ataraxia (gr. ataraxia) Termo grego designando o estado de *alma que nada consegue perturbar. [...] deve-se renunciar a todos os desejos supérfluos (ser rico, poderoso etc.) cuja satisfação proporciona mais perturbação que prazer, pois o sábio feliz se contenta com o estritamente necessário. Segundo os cétricos, a ataraxia se obtém pela *époche ou suspensão do juízo” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 19).

Com efeito, quem tiver sido instruído até esse ponto no que concerne aos temas amorosos, tendo contemplado os itens belos [...] Trata-se de algo que (211a), antes de tudo, sempre é, não tendo a característica de vir a ser ou de perecer, tampouco de aumentar ou diminuir. Depois não é belo um aspecto e feio em outro [...] o belo lhe aparecerá em si, por si e consigo mesmo, possuindo sempre uma forma única. Todas as demais coisas belas, por sua vez, partilham do ser belo num sentido tal que, enquanto elas ganham ser ou são destruídas, em absolutamente nada aquele se torna maior ou menor. (PLATÃO, 2017, p. 80)

O bom e o belo a que se refere Diotima são as coisas relacionadas ao inteligível, às coisas que não são mortais. Aquilo que mais se aproxima do belo enquanto divino torna-se gracioso, porém, quando se aproxima do feio, fica desagradável. Diotima diz que: “É o desejo de reprodução e de dar à luz no belo” (PLATÃO, 2017, p. 74). A reprodução entre o homem e a mulher, por exemplo, é aquilo que há de mais belo, pois é a imortalidade se fazendo presente no mortal.

Existem outras compreensões do *Eros* reveladas naquele peculiar debate. Sobre esse mesmo aspecto, Rocha aborda os discursos sofistas, afirmando: “Os sofistas também não deixaram de ressaltar os perigos do amor. *Eros* é comparado às armadilhas e redes usadas pelos caçadores e pescadores, para capturar suas presas” (ROCHA, 1999, p. 87).

Cumprido observar que o autor faz questão de relacionar *Eros* com o *Logos*, ressaltando o sentido de *Logos* para Sócrates, que se refere a algo que conduz à virtude, isto é, através do conhecimento se chega a ela:

Indiscutivelmente, Sócrates era um entusiasta do *Logos*, e via, na inteligência, a mais nobre atividade do espírito. Por isso, dizia ele, a ciência é virtude, pois não conseguia imaginar que a verdadeira ciência (*επισθημη*) não fosse capaz de aperfeiçoar o homem, fazendo dele um virtuoso. Era através do conhecimento que se adquiria a técnica da virtude. (ROCHA, 1999, p. 90-91)

Além disso, a pena de Sócrates foi uma censura política da filosofia, isto é, o intuito essencial dessa pena foi para inibir a realização do que seria o propósito fundamental característico ao exercício da ação filosófica (Silva, 2018). Deste filosofar voltado ao *Logos*, como subsidiado por Vieira, (2011) apoiado nos fragmentos de Heráclito, muitos estudiosos tiram suas conclusões, que são na maior parte plausíveis, no que se refere propriamente ao *Logos*. Surgem três grupos:

A interpretação 1) materialista, entende o *logos* como uma entidade física fundamental, em alguma medida equivalente ao fogo, ao deus / Zeus / coisa sábia e à guerra. [...] A interpretação 2) epistemológica também defende um uso especializado de *logos* por Heráclito, porém não o identifica a uma

entidade ordenadora do mundo. Assim aproxima-se mais da leitura de Aristóteles e de Sexto, sem contudo divinizá-lo. Segundo essa interpretação, o termo *logos* diria respeito a um processo cognitivo indispensável para se conhecer a natureza escondida das coisas [...] Em oposição a estas leituras existe a interpretação 3) branda, assim denominada porque não toma o *logos* por um termo usado com um único sentido específico. Ela dilui a recorrência do termo na aplicação alternada dos diversos sentidos atestados pela etimologia. *Logos* seria, assim, ora discurso, ora palavra, ora medida, entre outros sentidos verificados. (VIEIRA, 2011, p. 17-18)

Em sentido diverso, levando-se em conta a visão aristotélica sobre o *Logos*, a autora Siquieroli (2019) expõe que usualmente o *orthos logos* (ὀρθὸς λόγος) tem como interpretação dominante a virtude que expressa um certo padrão de racionalidade. Portanto, toma-se como *Logos* aquilo que é aceito como razão. De mais a mais, se traz à luz o conceito de *eudaimonia* em Aristóteles, analogamente com virtude:

Na maioria das vezes é correto dizer que os “primeiros princípios” são os fins gerais que o agente busca por si mesmos e nunca com vistas a qualquer outra coisa. Todos esses fins são perseguidos por causa da *eudaimonia* que é o bem humano maior (sumo bem). No entanto, existem fins almejados, tendo em vista alcançar outro fim que não ele mesmo, como no caso da riqueza que é buscada para conquistar outros fins diversos, como por exemplo, bens materiais ou posição social. Os fins que são perseguidos por eles mesmos ou por causa da *eudaimonia*, são considerados “fins últimos”. Para Aristóteles, os “primeiros princípios” morais são os “fins últimos” do agente virtuoso e constituem a concepção normativa da *eudaimonia*. (SIQUIEROLI, 2019, p. 21)

Falando propriamente do *Eros* em relação ao *Pathos*, Sócrates, quando foi condenado à morte, não hesitou, já que tinha convicção de que aquilo que ele ensinava era de veras correto. Seu amor por essa causa o levou à morte; todavia ele se manteve forte, pois era a motivação de sua vida. É neste âmbito que Zeferino Rocha diz “ninguém morre por causa das idéias (sic), morre-se por causa dos ideais, sem os quais a vida perde seu sentido” (1999, p. 89). Pois bem, o *Pathos* está intrinsecamente ligado às ações de Sócrates que o levaram a perder a vida:

O *Pathos* não é apenas afetividade, isto é, sentir-se afetado pela própria existência e pelo mundo em totalidade; é principalmente um fazer-se ativo e tomar a iniciativa de sentir e de identificar-se com a realidade sentida. [...] *Eros*, no sentido clássico que aqui assumimos, é aquela força que com entusiasmo, alegria e paixão nos faz buscar a união com as coisas que sentimos e apreciamos, com nossa própria realização, com as pessoas significativas de nossos contatos. (BOFF, 1991, p. 25)

O *Páthos* como essa experiência humana, vivenciada e exemplificada em Sócrates, como retratado acima, ninguém daria sua vida sem que tivesse paixão (*Eros*) por aquilo que ensina. Se não fosse assim, se fossem apenas idéias, como outras quaisquer, não teria o porquê ensinar, já que não passaria de devaneios. Todavia, como mencionado, eram ideais que possuíam seus valores e serviram como meta e conteúdo dos ensinamentos socráticos. Pois bem, se não existir a paixão junto ao sentir-se afetado, não existirá a ligação entre os dois conceitos.

2 A SUPREMACIA DO *LOGOS* SOBRE O *EROS*, BEM COMO AS CONSEQUÊNCIAS DISSO PARA A CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

Constata-se que o *Eros* é algo próprio do ser humano, assim como também a racionalidade (*Logos*). Contudo, nenhum desses elementos pode ser colocado como superior em detrimento do outro. Como enuncia Rocha (1999, p.87): “o discurso sofista era um discurso no qual o outro era apenas um objeto de manipulação e não um sujeito com o qual se queria verdadeiramente dialogar”. Se o *Logos* é o dominador do *Eros* no indivíduo, o outro acaba sendo visto como objeto. Tal constatação reforça o pensamento de Boff:

A razão tornou-se cada vez mais antagônica àquelas dimensões da vida menos produtivas, mas mais receptivas. O *Logos* recalçou o *Eros* e o *Pathos*, os valores do contato direto, da intimidade e da afetividade, da criatividade e da fantasia, da simplicidade e da espontaneidade. (BOFF, 1991, p. 22)

A racionalização com a qual os sofistas são tão envolvidos surge da necessidade de assumirem lugares de poder. Em consequência das novas políticas, eles propagavam o conhecimento que tinham utilizando de métodos argumentativos para persuadir seus ouvintes, conforme Silva:

A Sofística retirou seu olhar do mundo transcendente como fonte de explicação das relações e coisas no mundo, incluindo o homem, e colocou o próprio homem como ponto de partida de reflexões no âmbito da sociedade, da política, da ética, da educação e da comunicação. (SILVA, 2017, p. 56)

Em decorrência dessa compreensão sofista é que experimentamos as consequências na atualidade, não só em termos de racionalização dos sentimentos, mas também no modo como vemos o outro. Vale ressaltar que o homem hoje tornou-se um objeto de reflexão acerca dos acontecimentos regionais, não mais um ser humano.

A sofística foi responsável por radicalizar a concepção que sustenta que a apresentação discursiva de um fato sempre implica um expressivo nível de

reorganização do λόγος, haja vista a abundante quantidade de ambiguidades que a linguagem traz consigo e que podem ser usadas intencionalmente para persuadir o ouvinte. (OLIVEIRA, 2019, p. 25)

A maneira de se expressar com exclusividade no *Logos* (λόγος) faz com que o outro acabe se tornando esse objeto, pois, em suas argumentações, os sofistas acabam se distanciando da realidade. Sendo assim, “o *Logos*, por sua natureza, tende a dominar tudo o que se lhe antolha; há o risco de ele subjugar e recalcar o *Eros* ao invés de apenas conferir-lhe forma e disciplina” (BOFF, 1991, p. 27). Uma sociedade ou cultura construída em bases nas quais a razão tem liberdade de total domínio sobre os sentimentos ou desejos, essa não seria modelo de empatia.

O drama da cultura moderna reside exatamente em seus altos níveis de repressão do *Eros*. A hegemonia do *Logos* levou a gastar formas repressivas de vida, trouxe o cerceamento à criatividade e à fantasia; colocou-se sob suspeita fundamental o prazer e o sentimento; a *anima* em sua irradiação de ternura, convivalidade e com-paixão foi soterrada pela inflação do *animus*. [...] a falta de entusiasmo pela vida, o sentimento de que nada tem importância e os grandes mecanismos de controle e repressão são consequência da exacerbação do *Logos* e do recalque das energias do *Eros*. (BOFF, 1991, p. 27)

Pois bem, conforme Carl Gustav Jung, *anima* e *animus* são dois arquétipos (ἀρχετυπια⁵).

Anima [...] arquétipo natural que soma satisfatoriamente todas as afirmações do inconsciente, da mente primitiva, da história da linguagem e da religião. Ambos influenciam a personalidade e o comportamento das pessoas. O animus como função mediadora entre o consciente e o inconsciente. (JUNG, 2000, p. 197)

A *anima* é associada com o *Eros*, uma característica da personalidade feminina, isto é, o materno, o sentimento, a emoção e a relação. O *animus* é relacionado ao *Logos* que, por sua vez, aparece com mais ênfase na figura masculina, relacionado ao cognitivo. Todavia, ambos os sexos compartilham dos arquétipos. “Nem o princípio materno nem o paterno podem existir sem o seu oposto, pois ambos eram um só no início e tornarem-se-ão um só no fim (sic)” (JUNG, 2000, p. 104), cada um em sua intensidade, mas se faz necessário um equilíbrio.

Quando o *eros* é deixado a si mesmo aparece a exuberância incontrolada dos sentimentos e das paixões, o sentimentalismo, o desbragado das emoções, o

⁵ “Arquétipo (gr. archétypon: modelo, tipo original) 1. Em Platão, as idéias como protótipos ou modelos ideais das coisas; em Kant, o entendimento divino como modelo eterno das criaturas e como causa da realidade de todas as representações humanas do divino” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 18).

delírio das pulsões, o êxtase orgiástico do prazer. Quando se permite ao *Logos* impor sua dominação aflora a rigidez, a inflexibilidade, a tirania da norma, a dominação da ordem, o rigor da disciplina. (BOFF, 1991, p. 28).

A adequação de ambos traz crescimento e maturidade. Em outras palavras, se o *Logos*, ao invés de dominar os sentimentos, for o mediador deles, será possível alcançar a “ternura” que, segundo Boff (1991), é o cuidado. Através deste, o ser humano torna-se capaz de perceber e sentir o outro, justamente porque não é levado a agir a partir de seus impulsos, mas encontra no outro o amor.

O Ocidente, bem como os indivíduos inseridos numa sociedade capitalista, sofre a influência de desejos artificiais, que chegam através de propagandas midiáticas, com objetivo de uma produção destinada ao consumo, induzindo ao desejo. As necessidades fictícias são aceitas livremente quando o *Logos* não exerce a função de mediar esses impulsos.

Diversos pensadores, dentre eles alguns também psicólogos, intitularam a época que vivemos como a era da ansiedade, já que seu principal caráter e o mais notável é entusiasmar os indivíduos a fazerem algo em referência à inquietação que sentem (BYRNE; LINDGREN, 1982). Neste viés, a ansiedade é o oposto da *ataraxia*, pois as inquietudes e preocupações influenciam na paz almejada.

O próprio sujeito torna-se o princípio da unidade, instância transcendental de constituição do mundo das coisas e o critério segundo o qual deve ser medida a sua verdade. Em outras palavras, a construção do mundo a partir do eu torna-se o princípio unificador da Idade Moderna. (ALMEIDA, 2010 p. 15)

Em sua origem, a cultura “não é tanto a sublimação repressiva, mas o livre autodesenvolvimento do *Eros* que se serve do *Logos* para se normatizar, sem entretanto deixar-se soterrar por sua dinâmica dominadora” (BOFF, 1991, p. 27). A opção pelo logocentrismo fez com que o ser humano passasse a ver a vida com olhos da objetificação de tudo e todos. “A raiz básica de nossa crise cultural reside na aterradora falta de ternura e de cuidado de uns para com os outros, de todos para com a natureza e o nosso próprio futuro” (BOFF, 1991, p. 29).

Se o *Eros* tivesse mais espaço para se desenvolver, isto é, espontaneidade, criatividade, imaginação e a possibilidade de manifestar a ternura e o cuidado na sua intensidade e liberdade, reitera Boff (1991), isso geraria uma garantia de vida mais humanizada, inclusive harmonizada com a natureza e com o próximo.

Ademais, essas características podem ser facilmente associadas à harmonia entre o *Eros* e o *Pathos*, que, por sua vez, não estão mais calcados sobre a hegemonia da razão. As novas gerações, quando não quiserem mais fazer parte do sistema racionalista da razão instrumental, experimentarão uma nova e renovada relação *Eros* e *Pathos*.

A luta pela vida, o trabalho, a exploração fizeram das classes populares os guardiões daqueles valores de que tanto sentimos falta; a hospitalidade, a cordialidade, a colaboração, a solidariedade, o sentido de respeito pelo sagrado de Deus e das coisas naturais, especialmente da vida. [...] guardam o segredo de toda força transformadora: a mística, o desejo e o entusiasmo para a mudança. (BOFF, 1991, p. 32)

Um modelo de tal relacionamento interpessoal, ambiental e místico aparece em um jovem que viveu no século XIII, mas que, por suas experiências, relatadas por outros, tornou-se referência em nosso tempo. Leonardo Boff (1991, p. 32), nesta perspectiva, comenta que: “uma cultura necessita de personagens heroicos que funcionam como espelho pelos quais ela se vê a si mesma e se convence dos valores que lhe conferem sentido de ser”.

É na pessoa de Francisco de Assis, homem do milênio, e a partir de sua época que a hegemonia no *Logos* vem perdendo forças, pois ele mostrou como é fundamental uma sadia e integradora relação com o mundo.

Efetivamente, Francisco libertou as fontes do coração e as vertentes do Eros. [...] Realizou um admirável acordo entre o Logos e o Pathos, entre o Logos e o Eros. Mostrou em sua vida que para ser santo se precisa ser humano. E para ser humano é necessário ser sensível e terno. (BOFF, 1991, p. 33)

3 FRANCISCO DE ASSIS E SUA PROPOSTA COMO ALTERNATIVA CAPAZ DE ESTABELEECER A HARMONIA ENTRE *LOGOS* E *EROS*

Conforme G. K. Chesterton (2014), João, nasceu na cidade de Assis, Itália, em 1182 e faleceu em 03 de outubro de 1226. Seu pai, Pietro Bernardone, era um comerciante de tecidos. O apelido de Francisco foi atribuído devido ao seu modo nobre e cortês de ser, uma vez que desejava ardentemente tornar-se cavaleiro. É nessa personalidade histórica que pode-se observar tal harmonia e integração entre *Logos* e *Eros*.

Já se abordou sobre a harmonia entre *Logos* e *Eros*. Do mesmo modo, o *Ágape* (Ἀγάπη), uma virtude teologal da caridade que ordena as outras virtudes e que traz um agir ético à pessoa. Ademais, Ἀγάπη aparece também para distinguir de outros amores como o *Eros* (Ἔρως) e o *Philia* (Φιλία), mostrando que cada um desses conceitos condiz com uma característica de relação.

Primeiramente, entre Ἔρως e Ἀγάπη, Boff (1991, p. 51-52) expressa que: “O *Agape*, amor cristão, não recalca o *Eros*, nem simplesmente o sublima, mas radicaliza seu impulso originário até atingir o fundamento e o fascínio de todo amor que é Deus

se autodoando em e por todas as coisas”. No que diz respeito a Φιλία, esta refere-se a um amor de lealdade e confiança que não está ligado a um tipo de desejo, mas ao bem do próximo. Neste viés, *Philia* é sempre construída em uma relação, uma vez que necessariamente não nascemos com essa confiança em alguém.

Já no que diz respeito à relação entre Ἐρως e Ἁγάπη na pessoa de Francisco de Assis depois de sua conversão, pode-se afirmar que “o amor que tinha por Santa Clara conserva toda a densidade do amor, porém livre das amarras da libido; é um amor que se transfigurou pelo fascínio do Mistério que mora em cada pessoa” (BOFF, 1991, p. 52).

Reforçando a ideia de tal harmonia, Junges (2001, p. 368) constata que “a caridade teologal (ágape) só terá incidência no agir humano se ela se tornar uma disposição interior (virtude teologal) e criar um dinamismo de liberdade (autonomia teologal)”. E reafirma Boff (1991, p. 52): “Essa comoção interior fazia com que S. Francisco personalizasse todas as suas relações: [...] as virtudes todas não são virtudes, mas é a rainha sabedoria [...] Porque depurara tudo na sua malícia interior”.

Em analogia a Francisco, é discorrido que:

Na visão de Santo Tomás o amor-ágape é concebido como a virtude teologal da caridade. [...] A caridade, portanto, é a forma de todas as virtudes, pois ordena os atos das outras virtudes ao fim último, habilitando eticamente as diferentes dimensões da pessoa humana em vista da auto-realização. [...] Além de ser a forma das demais virtudes, o centro da ética e espiritualidade, a caridade anima a pessoa em todas as suas dimensões, exercendo uma influência orientadora sobre a consciência e a prudência, virtude que guia a consciência e dirige as decisões pessoais e sociais. (ALMEIDA, 2010, p. 145-146)

A biografia descrita nas Fontes Franciscanas (2020) apresenta que, no decorrer de sua juventude, Francisco de Assis observava o leproso, cuja doença era na época considerada contagiosa e terminal; como um nada, a pessoa não tinha mais nenhuma dignidade. Pode-se dizer que essa é uma compreensão na qual o *Logos* é o dominante, pois vê o outro sem empatia, como um mero objeto. No entanto, com o tempo, os leprosos passam a ser vistos por Francisco como irmãos, e é nesse fato que caminha a harmonização da razão e emoção. Assim ressalta Chesterton:

Cavalgava displicentemente em certo lugar afastado, aparentemente no campo aberto, quando viu, caminhando pela estrada em sua direção, a figura de um homem; parou, pois viu que se tratava de um leproso. E soube instantaneamente que a sua coragem fora desafiada; não, porém, como o mundo desafia, mas com o desafio de alguém que conhecesse os segredos do coração. O que ele viu avançando em sua direção não era a bandeira nem as lanças de Perúsia, das quais nunca ele pensaria em recuar; nem os exércitos que lutaram pela coroa da Sicília, dos quais ele considerava do

mesmo modo que um homem corajoso considera vulgar o perigo. Francisco Bernardone viu, subindo a estrada em sua direção, o seu próprio medo, o medo que vem do interior e não do exterior, embora permanecesse branco e horrível à luz do sol. Por uma vez, na longa precipitação da sua vida, a alma deve ter-lhe deixado imóvel. Saltando do cavalo, não sentindo diferença entre a imobilidade e a presteza, avançou sobre o leproso e envolveu-o nos braços. Fora o começo o de uma longa vocação de ministério entre muitos leprosos, em prol dos quais ele praticou muitas obras; a esse homem ele deu o dinheiro que pôde, e, montando de novo, prosseguiu no seu caminho. Não sabemos a que distância continuou, nem com que percepção das coisas que o rodeavam; mas dizem que quando olhou para trás, não discerniu figura alguma na estrada (CHESTERTON, 2014, p. 36-37).

Nitidamente é fácil associar a visão primeira de Francisco sobre o leproso, como alguém que vê o outro com o *Logos* dominante em sua visão. Todavia, em um segundo momento, Francisco mostra que é possível a desconstrução desse *Logos* superestimado para que possa florescer também o *Eros*. Assim Francisco, conforme Boff: “Realizou um admirável acordo entre o *Logos* e o *Pathos*, entre o *Logos* e o *Eros*. [...] Francisco de Assis foi quem talvez levou mais longe a expressão de amor, capaz de criar laços com os seres mais estranhos” (BOFF, 1991, p. 33).

Outro episódio pode ser citado, que também mostra como o jovem de Assis lida com o outro, mostrando que as relações precisam ser mais efetivas quanto à aceitação daquilo que a pessoa é. Em tempos de jejum, um de seus confrades não conseguia mais perseverar por conta da fome, neste momento, Francisco, com muita compaixão, mostrou por gestos que a pessoa está acima da lei. Essa perspectiva é relatada nas Fontes Franciscanas:

Como, pois, numa noite, um dos frades, atormentado de muita fome, em razão de uma abstinência demasiada, e não pudesse encontrar sossego e o bom pastor compreendesse que sua ovelha corria perigo, chamou o frade, pôs pão e, para tirar-lhe a vergonha, começou a comer, primeiro, convidando-o, com doçura, a servir-se. (FONTES FRANCISCANAS, 2020, p. 470)

Vemos aqui que o *Pathos*, tal como descrito neste trabalho, é humanizante. Ademais, na décima oitava Admoestação a seus frades, Francisco aborda o tema da compaixão do próximo. Segundo ele, “Bem-aventurado o homem que suporta o próximo segundo a sua fragilidade naquilo que quereria ser suportado por ele, se estivesse em idêntica situação” (FONTES FRANCISCANAS, 2020, p. 94). Sendo assim, o *Eros* como *Pathos* aparece como compaixão.

É nesta perspectiva que Francisco consegue ser desejoso de todas as coisas, tratando tudo ao seu redor como irmãos e irmãs, inclusive a morte e as doenças que,

para Sigmund Freud, era o complexo mais difícil de ser aceito no ser humano. Esse tema também é lembrado por Leloup e Boff: “A morte, o *Thanatos*, mata o *Eros*” (2012, p. 36). Portanto, Francisco de Assis consegue que seus impulsos, desejos e racionalidade estejam harmoniosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na compreensão moderna ocidental, o *Eros* está reduzido ao desejo, mas por ser um conceito com origem na Grécia Antiga, possui diferentes significados. Alguns são abordados na obra de Platão *O Banquete*, com uma rica variedade de interpretações. No referente ao *Logos*, interpretado por razão, não é diferente. Já o *Páthos* é a experiência única que cada pessoa faz, o sentimento sobre aquele algo que é feito. Pode-se citar o exemplo de Sócrates, que tinha e acreditava em seus ideais, viveu e pregou-os aos demais membros da sociedade, mesmo sabendo que, para os representantes de seu tempo, aquele ensinamento não era agradável.

No presente artigo, investigamos *Logos* (razão) e *Eros* (desejo). Analisamos o caminho no qual o *Eros*, mesmo sendo incorruptível, pode ser recalcado sobre uma razão dominadora. E o *Logos* não está isento de ser reprimido pelos impulsos e desejos decorrentes do *Eros*. Neste âmbito, a consequência de quando o *Logos* domina o *Eros* é experienciada nas pessoas que se tornam ansiosas, ou ainda, veem o outro como um objeto. Em contrapartida, com relação a um *Eros* dominador dos sentidos racionais, a pessoa ficará entregue a seus desejos e suas vontades.

Pois bem, como é possível uma relação harmoniosa entre os dois conceitos supramencionados em vista da promoção da humanidade? É na figura de Francisco, que se encontra a almejada harmonia. Tendo em vista que razão e a emoção são distintos e o favorecimento de uma ocasiona o recalçamento da outra, devido a uma trajetória descrita em sua biografia, Francisco passa do estado de ver o outro, no caso, os leprosos, como um objeto ou até menos, para vê-los como irmãos, sem deixar que os desejos o consumissem .

Portanto, como sinaliza o pensamento de Boff (1991, p. 27), “Freud viu claramente que uma civilização se constrói só mediante a disciplina do *Eros*”, isto é, uma sociedade que é configurada sobre a hegemonia da razão e ajustada gradualmente para que os desejos possam ser disciplinados. Todavia, ficar sempre com o *Eros* recalcado sobre o *Logos*, é uma catástrofe, pois se perde a empatia com os outros. A referência, apresentada no presente artigo, a Francisco de Assis, mostra justamente que, para existir uma relação com os outros, é preciso, antes de tudo, vê-los como irmãos, isto é, não como meros objetos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, André Luiz Boccato de. **Consciência moral e pós-modernidade**: discernir, decidir e agir à luz de uma ética das virtudes. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.
- ARAGÃO DE FREITAS, Jéssyca. **Sobre a mediação metafísica de éros no Banquete de Platão**. 2017. 234f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2017.
- ASSIS, Francisco. **Fontes franciscanas**. 2. ed. Santo André: “O Mensageiro de Santo Antônio”, 2020.
- BOFF, Leonardo. **São Francisco de Assis**: ternura e vigor. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. **São Francisco de Assis**. São Paulo: Ecclesiae, 2014.
- FREITAS, Jéssyca Aragão de. **Sobre a mediação metafísica de éros no Banquete de Platão**. 2017. 289f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2017.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução: Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNGES, José Roque. **Evento Cristo e a ação humana**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. **Terapeutas do deserto de Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Durckheim**. 15. ed. Organização: Lise Mary Alves de Lima. Tradução: Pierre Weil. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LINDGREN, Henry Clay; BYRNE, Donn. **Psicologia**: processos comportamentais. Tradução: Ary Band. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- OLIVEIRA, Tiago Fernando Soares de. **O sofista de Platão**: ontologia, discurso e alteridade. 2019. 245f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria, 2019.
- PLATÃO. **O banquete**. Tradução: Anderson de Paula Borges. Petrópolis: Vozes, 2017.
- ROCHA, Zeferino. O Desejo na Grécia Clássica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 94-122, 1999.
- SILVA, João Raniery Elias da. **Eros e filosofia**: a defesa de Sócrates e do modo de vida filosófico no Banquete de Platão. 2018. 189f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2018.
- SILVA, Tatiane. **Análise Retórica da influência Sofista no discurso filosófico e educacional de John Dewey**. 2017. 290f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2017.

SIQUIEROLI, Rosane Rocha Viola. **Orthos logos**: a educação moral em Aristóteles. 2019. 126 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

SUMIÊ ROCHA MANDAI, Sarah. **O amor e a cura da alma em Platão e Jung**. 2018. 190f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 2018.

VIEIRA, Celso de Oliveira. **Razão, alma e sensação na antropologia de Heráclito**. 2011. 176f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.